IGUALDADE DE GÉNERO E RESILIÊNCIA CLIMÁTICA

Bases da água, do saneamento e da higiene para todos

Abril de 2023

WaterAid

Resumo

Temos de enfrentar meticulosamente os desafios que as mudanças climáticas e as desigualdades de género apresentam para atingir o Objectivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 6 até 2030, para que todos, em toda a parte, tenham água, saneamento e higiene (ASH).

Este relatório apresenta as principais interligações entre igualdade de género, mudanças climáticas e sistemas de ASH; destaca três oportunidades essenciais; e identifica quatro abordagens que podem ser combinadas para lidar com essas oportunidades.

Descrevemos três oportunidades essenciais para fazer face às desigualdades de género e aos impactos climáticos que, com frequência, surgem durante o trabalho de expansão ou melhoria dos serviços de ASH: 1) compreender as diferentes necessidades e vulnerabilidades para chegar a todos, 2) conectar compartimentos fragmentados para gerar resiliência verdadeira, e 3) corrigir os desequilíbrios de poder para obter soluções significativas.
É necessária uma combinação de abordagens para progredir em cada uma das oportunidades e no ODS 6. Tais abordagens são: a análise multi-contextual inicial; as parcerias inclusivas; o envolvimento multissectorial; e a integração de experiências e conhecimentos diversos.

Sistemas de ASH inclusivos e reactivos ao género: Soluções que asseguram igualdade de acesso e benefício nos serviços de ASH a todos os utentes. Um aumento na participação das mulheres e raparigas na tomada de decisões e uma melhoria nos resultados da igualdade de género por meio dos serviços de ASH.

Sistemas de ASH resilientes ao clima: serviços e comportamentos de ASH que continuam para gerar benefícios, ou que são adequadamente recuperados, num contexto climático em mutação e apesar dos perigos induzidos pelo clima. Os sistemas WASH robustos e sustentáveis podem melhorar a resiliência às alterações climáticas.[1]

Nur Nesa deu à luz 3 dias depois de um ciclone atingir a sua comunidade, em 2019. As mulheres grávidas e lactantes precisam de mais água para higiene e também para beber. Porém, os desafios para ter acesso à água potável significam que a sua família tem de caminhar diariamente mais de 2 km em cada sentido para chegar a uma fonte de água que ainda não é segura. Satkhira, Bangladesh, Fevereiro de 2021.

WaterAid/DRIK/Suman Paul

Áreas baixas como esta povoação do Uganda são fortemente afectadas por cheias. Com frequência, as cheias perturbam os serviços de saneamento, porque os camiões de recolha de lamas fecais das latrinas de fossa e outros meios de saneamento não conseguem aceder às áreas devido às estradas inundadas. Cidade de Kampala, Uganda, Dezembro de 2018.

Introdução

Com menos de uma década até ao final do prazo, em 2030, os esforços para o Objectivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 6 têm de ser intensificados para atingir as metas de água, saneamento e higiene (ASH) para todos. Porém, só poderemos conseguir se lidarmos com as questões subjacentes da desigualdade de género que estão a impedir o progresso. A fim de assegurar que esses esforços sejam sustentáveis e não temporários, as políticas e os sistemas de ASH têm de se adaptar aos impactos das mudanças climáticas para que esses serviços funcionem perante a sua ocorrência e mantenham as comunidades resilientes. Como tal, até 2030, o género e as mudanças climáticas têm de ser plenamente integrados nos sistemas de ASH e na expansão dos serviços se quisermos aproximar-nos do nosso objectivo. Este relatório destaca algumas oportunidades essenciais e métodos para aplicar uma óptica reactiva ao género e resiliente ao clima aos serviços de ASH. Tais conhecimentos são valiosos para todos aqueles que trabalham no sentido de materializar o ODS 6, desde os governos nacionais aos doadores e parceiros do desenvolvimento. Estamos todos juntos nisto.

WaterAid/James Kiyimba

MUDANÇAS CLIMÁTICAS, IGUALDADE DE GÉNERO E ASH

A primeira etapa consiste em identificar as vastas interligações entre a igualdade de género, as mudanças climáticas e os sistemas de ASH, para depois entender como interagem esses sectores. As interacções serão diferentes em função da situação e do lugar, e o que é necessário dependerá de se tratar de uma questão de serviços de ASH novos ou de melhoria de serviços existentes para que sejam reactivos ao género e resilientes ao clima. A necessidade de serviços de ASH de uma pessoa baseia-se na sua identidade única, incluindo a idade, a classe e o género. O contexto afecta a identidade de cada pessoa; por exemplo, as mulheres podem ser marginalizadas num dado lugar devido a crenças culturais em torno da higiene menstrual.[3]

Os riscos dos impactos climáticos agravam as desigualdades existentes (como as desigualdades de género) no acesso e na prestação de serviços de ASH. [4] Homens e mulheres sofrem os efeitos das mudanças climáticas de maneira diferente.[2] Por exemplo, os impactos da escassez de água nos serviços de ASH têm, muitas vezes, um efeito maior nas mulheres por vários motivos. É normal que as mulheres sintam maior necessidade de água para prestação de cuidados, lactação, menstruação e gravidez.[5] Como parte dessa prestação de cuidados, são, muitas vezes, responsáveis por assegurar que a família tenha água para beber, cozinhar e lavar.[3] Quando os perigos climáticos destroem as casas de banho, as mulheres e raparigas têm

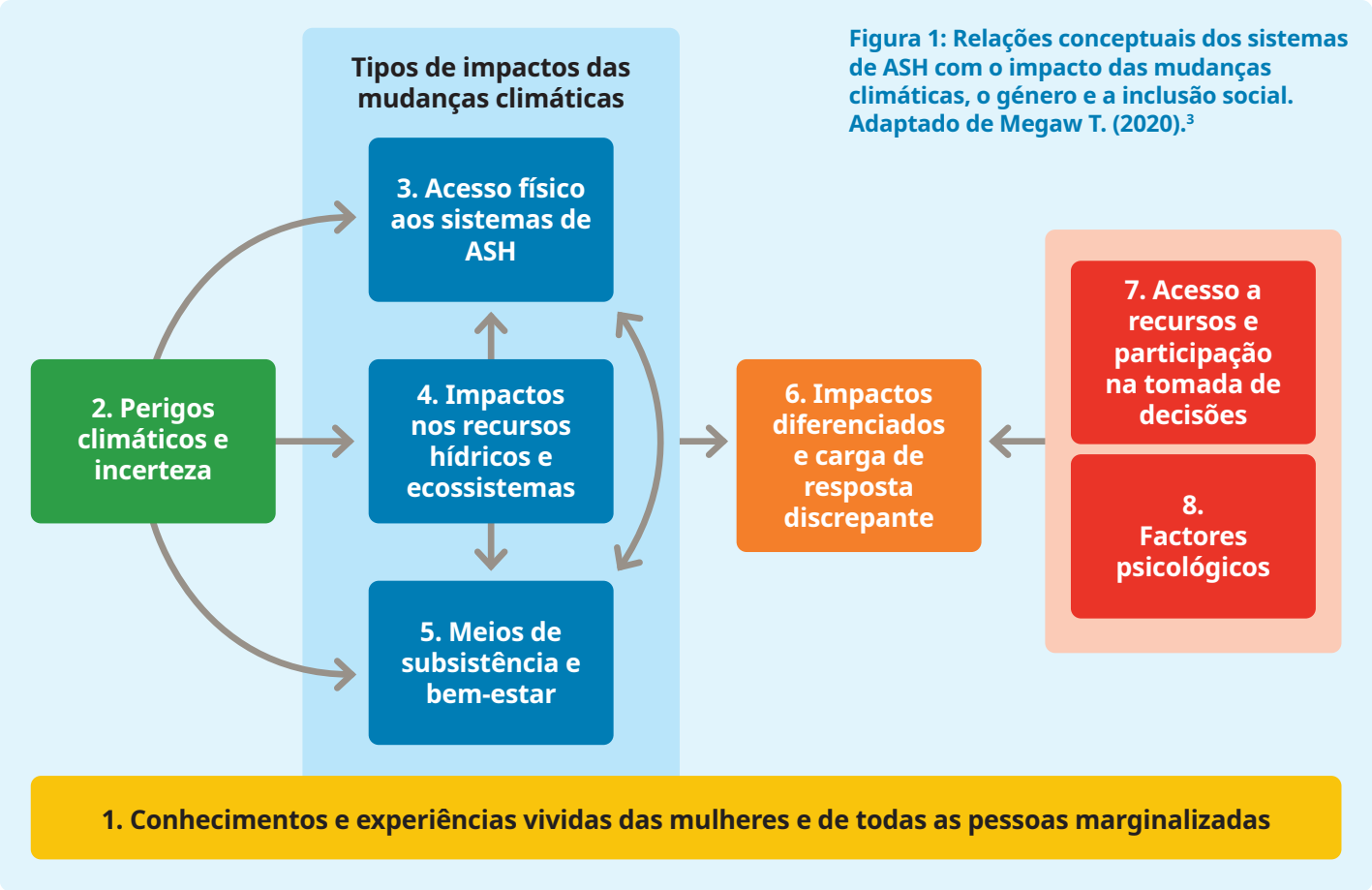


Figura 1: Relações conceptuais dos sistemas de ASH com o impacto das mudanças climáticas, o género e a inclusão social. Adaptado de Megaw T. (2020).[3]

Um líder comunitário do Malawi repara um tubo utilizado pela comunidade e danificado por tempestades recentes. É crucial que o trabalho de reparação seja decidido de forma inclusiva. Se os homens, que são muitas vezes os que reparam as infra-estruturas danificadas, não consultarem as mulheres e as pessoas que vivem marginalizadas, tal constitui um desafio para a resiliência. Se essa etapa for negligenciada, a nova infra-estrutura poderá não satisfazer as necessidades das comunidades. Malawi. Abril de 2022.

de percorrer distâncias maiores a fim de encontrar um lugar para cuidar das suas necessidades menstruais ou excretórias, o que aumenta o risco de violência e assédio.[3]

As mudanças climáticas fomentam desigualdades maiores por meio de impactos diferenciados e uma carga de resposta discrepante. A compreensão das ligações sistémicas entre ASH, igualdade de género e mudanças climáticas realça as tensões, compensações e sinergias que funcionam entre esses elementos.[6,7] O acesso físico aos serviços de ASH está interligado aos recursos hídricos e aos ecossistemas, bem como aos meios de subsistência e ao bem-estar. Quando um perigo climático afecta qualquer dessas componentes, as repercussões são sentidas em todas elas.[8,9] A Figura 1 (Megaw *et al,* 2020) ajuda aqueles que trabalham em políticas e programas de ASH a visualizar essas interacções.

Quando se tem a noção de como os sistemas de ASH, a igualdade de género e as mudanças climáticas interagem, a questão seguinte é: que impactos específicos de género podem resultar dos perigos climáticos que perturbam os serviços de ASH? Os exemplos das páginas 6 a 9 analisam essa questão, articulando quatro perigos climáticos principais, o impacto de cada perigo em termos de ASH e os impactos de género subsequentes.

Na nossa *Orientação do programa para sistemas de ASH resilientes ao clima*,[6] foram identificados quatro perigos e impactos climáticos estreitamente alinhados com conclusões semelhantes de estudos recentes.[7,10]A gravidade e a natureza dos perigos climáticos variarão em função do lugar, e o seu impacto nos recursos de ASH e nas comunidades dependerá de todo o sistema de ASH (por exemplo, da robustez institucional) e das vulnerabilidades colectivas dessas comunidades. Os impactos de género baseiam-se nas experiências e na investigação dos nossos profissionais sobre género, clima e ASH.[3,5]

Por exemplo, vários perigos climáticos intensificam as doenças transmitidas pela água,[5] o que, por sua vez, aumenta a carga de responsabilidade pela prestação de cuidados nas famílias, que, muitas vezes, cabe às mulheres e raparigas, e nas unidades sanitárias, que empregam sobretudo mulheres.[11] É necessário enfrentar, em paralelo, os impactos climáticos nos sistemas de ASH e os impactos de género dos perigos climáticos para alcançar serviços de ASH universais, sustentáveis e seguros.

Exemplos de impactos dos perigos climáticos nos sistemas de ASH e no género*

1. AUMENTO DAS TEMPERATURAS GLOBAIS

Exemplos	Impactos nos sistemas de ASH	Impactos de género
• Ondas de calor • Fusão e descongelamento dos glaciares	• Danos nas infra-estruturas de água e saneamento • Aumento de patógenos na água, o que conduz ao aumento dos riscos e da incidência de doenças • A interferência na sazonalidade dos rios afecta a disponibilidade de água	• Aumento da carga de doenças, em especial para as crianças e as grávidas, levando a um aumento da carga de cuidados para as pessoas responsáveis por cuidar dos doentes, muitas vezes, mulheres e raparigas • Sobrecarga do sistema de saúde • É frequente que sejam os homens a proceder à reparação de infra-estruturas danificadas, a qual, se efectuada sem consulta às mulheres e pessoas que vivem marginalizadas, pode não atender às necessidades das comunidades

Sumi e a família vivem na margem de um rio no Bangladesh, o que os sujeita às cheias. Quando um ciclone destruiu todas as casas de banho nas zonas ribeirinhas, tal afectou em especial as mulheres da comunidade. Khulna, Bangladesh, Agosto de 2020.

*Com base nos perigos climáticos presentes no documento *Orientação do programa para sistemas de ASH resilientes ao clima da WaterAid*.

2. SUBIDA DO NÍVEL DO MAR

Exemplos	Impactos nos sistemas de ASH	Impactos de género
• Cheias • Intrusão salina em recursos de água doce, incluindo águas subterrâneas	• Impactos na disponibilidade e na qualidade da água, incluindo perigos como inundações costeiras que afectam os sistemas comunitários de abastecimento de água e saneamento • Contaminação por lamas fecais	• As mulheres e raparigas sem serviços de ASH percorrem distâncias maiores para buscar água e usar uma casa de banho, aumentando o esforço físico e o tempo gasto na busca de água e expondo-se a situações perigosas, incluindo a violência sexual • Muitas vezes, as fontes de água também são de qualidade e fiabilidade inferiores e podem causar doenças, aumentando as responsabilidades pelos cuidados • Menos água para práticas de higiene seguras, o que pode aumentar as doenças e colocar uma maior carga de cuidados para mulheres e raparigas

Teodora mostra como as cheias recentes se infiltraram nos reservatórios de água e nas latrinas de fossa. Isso reduziu o seu acesso a uma casa de banho e significa que, pelo menos temporariamente, terá de encontrar uma nova forma de ter acesso à água potável. Kigamboni, Tanzânia, Janeiro de 2020.

3. MAIOR INCERTEZA PLUVIAL E SECAS

Exemplos	Impactos nos sistemas de ASH	Impactos de género
• Secas prolongadas • Estações anteriormente chuvosas que se tornam secas	• Redução na água para beber, lavar ou cuidar da higiene • Caudal reduzido nos rios, menor diluição ou maior concentração de poluentes na água • Funcionalidade reduzida do saneamento à base de água • Desafio para as práticas de higiene	• As mulheres e raparigas sem serviços de ASH percorrem distâncias maiores para recolher água e usar a sanita, aumentando o esforço e o tempo gasto na busca de água e expondo-as a situações perigosas, incluindo a violência sexual • Muitas vezes, as fontes de água também são de qualidade e fiabilidade inferiores e podem causar doenças, aumentando as responsabilidades pelos cuidados • Menos água para práticas de higiene seguras, o que pode aumentar as doenças e colocar uma maior carga de cuidados para mulheres e raparigas. Por vezes, a necessidade de transportar água percorrendo distâncias maiores significa que os homens e rapazes têm de buscar água • Menos água nas famílias pode significar que as mulheres e raparigas não tenham água suficiente para as necessidades de higiene, amamentação ou gravidez

WaterAid/Khaula Jamil

WaterAid/Khaula Jamil

Shama dá banho à sua filha, Dua, com água das cheias, depois de ver a sua casa destruída por uma monção. Este é um exemplo de como as fontes de água de baixa qualidade devido a um perigo climático causam doenças. Sindh, Paquistão. Outubro de 2022.

4. AUMENTO DA FREQUÊNCIA E DA INTENSIDADE DOS FENÓMENOS METEOROLÓGICOS EXTREMOS

Exemplos	Impactos nos sistemas de ASH	Impactos de género
• Cheias extremas • Ciclones	• Poluição e inundação de fontes de água (por exemplo, poços) por alagamento das casas de banho e drenagens • Danos nas infra-estruturas de água e saneamento • Deslizamentos de terras em redor das fontes de água, sedimentação e turbidez • Desafios à sustentabilidade das práticas e dos comportamentos de saneamento e higiene • Incidência acrescida de doenças transmitidas pela água	• Acessibilidade reduzida a instalações sanitárias para mulheres com deficiência, mulheres idosas e mulheres responsáveis por cuidar de outras pessoas • Interrupção na prestação de serviços, por exemplo, os camiões de recolha não conseguem chegar às áreas devido às estradas inundadas • É frequente que sejam os homens a proceder à reparação de infra-estruturas danificadas, a qual se efectuada sem consulta às mulheres e pessoas que vivem marginalizadas, pode não atender às necessidades das comunidades • As inundações e o risco acrescido na busca de água significam que os adultos (muitas vezes, os homens) são mais propensos a efectuar essa tarefa • As mulheres podem ter menos acesso a informações sobre as mudanças climáticas, o que limita a sua resposta • O aumento de doenças devido à água contaminada (doenças transmitidas pela água) aumenta a carga de cuidados para as mulheres e raparigas

WaterAid/DRIK/Habibul Haque

WaterAid/DRIK/Habibul Haque

Os perigos induzidos pelo clima, como os ciclones ou a erosão fluvial, reduzem a resiliência de comunidades como esta, que já têm dificuldades com o acesso a sistemas de ASH: não têm água nem instalações de higiene e apenas dispõem de casa de banho suspensas ao ar livre. Khulna, Bangladesh, Agosto de 2020.

OS SISTEMAS DE ASH PODEM TER UM IMPACTO POSITIVO NOS ESFORÇOS MAIS GERAIS DE IGUALDADE DE GÉNERO E RESILIÊNCIA CLIMÁTICA.

Quando os governos providenciam serviços de ASH sustentáveis e seguros nas comunidades, em particular para grupos marginalizados como o das mulheres e raparigas, tal cria resiliência aos impactos das mudanças climáticas e faz com que os sistemas voltem a apoiar as comunidades após os choques climáticos. Para criar sistemas de ASH mais sustentáveis e resilientes ao clima, os governos têm de melhorar os serviços existentes, aumentar o alcance dos serviços para quem deles carece e expandir a capacidade institucional, a monitorização e o financiamento. O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) apoia a ideia de "fazer do acesso universal a sistemas de ASH uma estratégia de adaptação crucial" e reconhece a melhoria da equidade em matéria de água e saneamento como um meio de assegurar que a adaptação climática chegue àqueles que são mais vulneráveis e têm menos recursos.[5] Os sistemas de ASH podem dar às pessoas o poder de desbloquear outros direitos humanos, como a educação, os meios de subsistência dignos e produtivos e os cuidados de saúde seguros, o que significa que é uma ferramenta poderosa para robustecer a igualdade de género.[12] Por outras palavras, os sistemas de ASH podem ter um impacto positivo nos esforços mais gerais de igualdade de género e resiliência climática.

Memory Choko diante do que resta da casa onde vivia antes de esta ser danificada pelo ciclone Batsirai. O ciclone destruiu infra-estruturas de ASH essenciais, o que gera condições de vida inseguras e aumenta o risco e a exposição a doenças, agravando as desigualdades existentes. Zomba, Malawi. Março de 2022.

WaterAid/Francis Chipanda

OPORTUNIDADES ESSENCIAIS

Muitos actores do espaço dos sistemas de ASH precisarão de uma nova forma de trabalhar para os tornar universais, resilientes ao clima e reactivos ao género.

Conforme expressado na secção anterior, as interacções entre ASH, mudanças climáticas e igualdade de género estão interligadas e são, muitas vezes, complexas. Todos os programas e políticas de ASH terão de levar em conta essas complexidades para assegurar eficácia e sustentabilidade.

Há três oportunidades essenciais em que isso pode ser conseguido:

1. **Compreender as diferentes necessidades e vulnerabilidades para chegar a todos**
2. **Conectar compartimentos fragmentados para gerar verdadeira resiliência**
3. **Lidar com os desequilíbrios de poder para obter soluções significativas**

Beatrice, de Lusaka, Zâmbia, informa as pessoas sobre os impactos das mudanças climáticas por meio de um programa de rádio semanal. Esse tipo de trabalho pode dar resposta aos desafios dos impactos climáticos de género ao ajudar a ensinar às mulheres as realidades das mudanças climáticas. Zâmbia. Fevereiro de 2020.

1

Compreender as diferentes necessidades e vulnerabilidades para chegar a todos

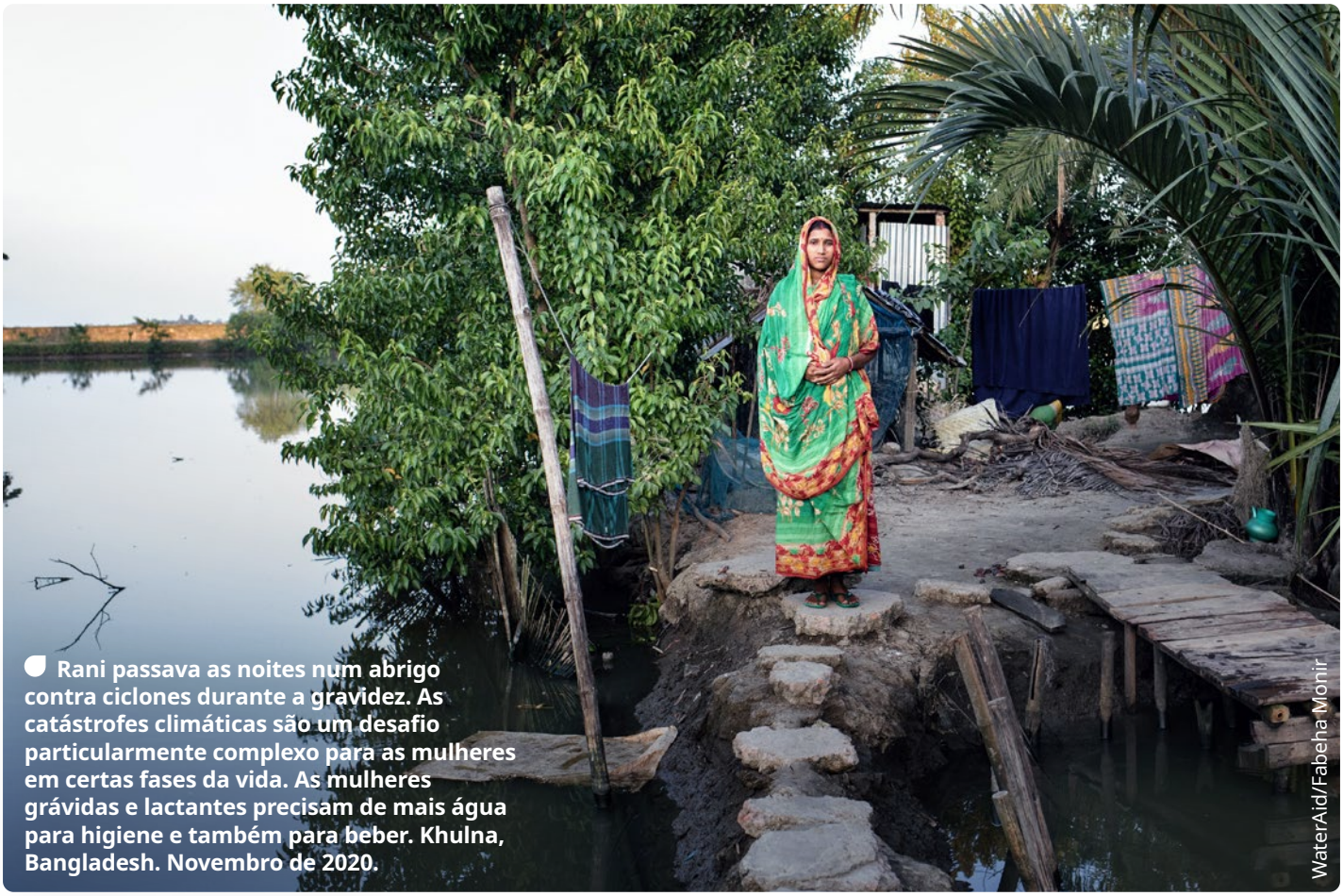
O trabalho sobre sistemas de ASH resilientes ao clima oferece muitas oportunidades para destrinçar as diversas necessidades das comunidades que sofrem marginalização.

Uma vez compreendidas essas necessidades, é possível agir em relação a elas. Um exemplo ilustrativo é o da avaliação do risco climático para um programa de ASH. As avaliações do risco climático constituem um passo inicial importante para identificar os impactos climáticos potenciais e as medidas de adaptação necessárias, assegurando assim políticas e programas de ASH resilientes ao clima. Contudo, muitas vezes, negligenciam as dimensões de género, especificamente os papéis e a dinâmica de género com base nos contextos sociais e culturais. Tais avaliações participativas consideram os riscos climáticos como uma combinação de um perigo climático (pressões de início lento, como a subida do nível do mar, ou choques extremos, como as cheias) com as vulnerabilidades interseccionais das pessoas. Cada perigo climático tem um impacto diferente nos sistemas de ASH e nos papéis e expectativas de género (páginas 6 a 9) e pode afectar algumas vulnerabilidades mais do que outras. Por exemplo, as cheias extremas podem reduzir ou destruir a funcionalidade dos sistemas de saneamento, causando a propagação de doenças transmitidas pela água que afectam toda a comunidade. O aumento das doenças criará um fardo específico para as unidades sanitárias e os prestadores de cuidados domésticos (sobretudo mulheres e raparigas), de quem se espera que, além de outras

Joseph com dois dos seus netos, na sua casa, em Madagáscar. A avaria do sistema de captação de água da sua aldeia reduziu-lhe a capacidade de resiliência durante a recente seca. Região de Androy, Madagáscar. Setembro de 2021.

responsabilidades, prestem cuidados não remunerados a pessoas doentes. Também poderão precisar de mais água para cuidar dos doentes e manter práticas de higiene seguras. Neste contexto, as mulheres e raparigas, enquanto cuidadoras, são mais vulneráveis ao risco climático das cheias e ao respectivo impacto na prestação de serviços de ASH do que os seus congéneres do sexo masculino.

O simples acréscimo das questões de género à avaliação de risco não é suficiente. As avaliações de risco climático que consideram as dimensões de género de maneira superficial não analisam as diferentes vulnerabilidades no seio dos segmentos da população para entender o leque de necessidades diversas. Por exemplo, uma avaliação de risco insuficiente pode considerar todas as mulheres como tendo as mesmas vulnerabilidades, em vez de considerar identidades interseccionais, como a idade, a riqueza e/ou a saúde, dependendo do contexto.[13] O modo como alguém é afectado pelas mudanças climáticas depende de factores geográficos, infra-estruturais, económicos, socioculturais e políticos, de qualquer dificuldade funcional e da dinâmica de género. Cada uma dessas dimensões interage com as outras, pelo que um grupo de pessoas com descritores de identidade semelhantes pode, ainda assim, ter experiências e necessidades diferentes.[14] Contudo, apesar da diversidade das mulheres, o "predomínio das perspectivas masculinas nas políticas e práticas exclui o conhecimento e as experiências das mulheres".[3] Analisar o género neste contexto mais geral de ASH e mudanças climáticas é necessário para compreender e lidar melhor com as relações de poder arraigadas e as necessidades das pessoas mais vulneráveis aos riscos climáticos. Qualquer avaliação de risco climático para ASH requer uma abordagem participativa para registar com exactidão a diversidade de experiências no seio de uma comunidade e destrinçar necessidades e vulnerabilidades. Só depois de compreendidos esses aspectos, é possível agir com eficácia em relação aos verdadeiros desafios e soluções respeitantes aos sistemas de ASH resilientes ao clima para a comunidade em questão.



Rani passava as noites num abrigo contra ciclones durante a gravidez. As catástrofes climáticas são um desafio particularmente complexo para as mulheres em certas fases da vida. As mulheres grávidas e lactantes precisam de mais água para higiene e também para beber. Khulna, Bangladesh. Novembro de 2020.

WaterAid/Fabeha Monir

Conectar compartimentos fragmentados para gerar verdadeira resiliência

A concretização do acesso universal, o combate às mudanças climáticas e o aumento da igualdade de género não são possíveis no vácuo, pelo que é essencial a interligação entre os actores desses três espaços para fazer progressos.

As divisões históricas entre água e saneamento, clima, recursos hídricos, ambiente e financiamento local, nacional e global tornam difícil a qualquer dessas partes interessadas a obtenção de mais do que uma abordagem fragmentada à adaptação ou à atenuação climáticas. As abordagens compartimentadas tradicionais, incluindo os mecanismos de financiamento, sufocam a capacidade de criar soluções adaptáveis e sustentáveis que respondam a todo o leque de necessidades diversas das comunidades, dos ecossistemas e dos países para atingir a resiliência climática e a segurança hídrica.

Esses desafios sistémicos agravam os impactos climáticos, como a escassez de água, reduzindo a capacidade dos governos, comunidades e outras partes interessadas de responder de forma holística e eficaz. É frequente, por exemplo, que a escassez de água (que afecta a água, o saneamento e a higiene) não tenha a ver primeiramente com a carência física de água. Pelo contrário, muitas vezes, isso resulta da incapacidade das instituições de adaptar as políticas e os sistemas à escassez física de água

Florine mostra algumas colheitas parcialmente maduras que foram queimadas pelo calor em Madagáscar. Ao considerar o abastecimento de água, é crucial pensar em todos os utentes que necessitam de água e em como assegurar colectivamente a resiliência. Região de Anosy, Madagáscar. Junho de 2022.

ou de factores sociais e políticos que excluem os grupos marginalizados do acesso à água.[15] Se as intervenções contra a escassez de água se limitarem à carência física de água, os desafios subjacentes para os grupos excluídos do acesso a sistemas de ASH não serão considerados e muito menos resolvidos. Se esses desafios subjacentes não forem resolvidos, isso impedirá a obtenção de serviços de água e saneamento para todos.

Está bem documentado que, nos sectores de ASH, recursos hídricos e clima, os papéis e as expectativas de género têm bloqueado as mulheres e outros grupos que sofrem ou estão em risco de marginalização no acesso à informação e na tomada de decisões.[3,5,16] A ausência de progresso no sentido da igualdade de género em cada um desses sectores realça o desafio de centralizar esse tópico ao unir os compartimentos sectoriais tradicionais para criar resiliência. Todavia, a verdadeira resiliência não pode ser alcançada sem incluir todos os indivíduos de uma comunidade. A resolução dessas questões pode começar em pequena escala e ser depois aplicada em contextos regionais ou nacionais. Em algumas situações, poderá ser mais fácil lidar com as dimensões de género em pequena escala, por meio de esforços de adaptação participativos e com liderança local. Uma adaptação significativa com liderança local pode aproveitar percepções e conhecimentos das pessoas que identificam e compreendem o contexto relacionado com os desafios do clima e da segurança hídrica. As necessidades, os conhecimentos e as percepções locais devem ser incorporados no envolvimento de adaptação por forma a capacitar, e não a sobrecarregar, as partes interessadas locais.[17] Por exemplo, não se deve pedir aos membros da comunidade que desenvolvam e forneçam serviços de ASH sem apoio nacional e local. No nível local, as cidades, áreas rurais e organizações de base podem testar e inovar com soluções baseadas numa mescla de conhecimento científico e tradicional e combinar essas soluções com percepções do clima, dos recursos hídricos e dos recursos de ASH.

A coordenação em matéria de resiliência é evidente nos documentos nacionais de planeamento climático, como as contribuições determinadas nacionalmente (CDN), mas também precisa de ligar os níveis local e nacional. As CDN apresentadas na COP26 em 2021 sublinharam o acréscimo de reconhecimento da ligação entre ASH e resiliência climática. Cerca de 45% continham medidas de saneamento, e o número de governos que incluíram ASH triplicou em relação às CDN indicadas anteriormente.[18] O primeiro passo para a inclusão de ASH no planeamento climático nacional é um progresso real, mas o passo seguinte tem de ser o de determinar maneiras de o trabalho local em torno dos serviços de ASH ser resiliente ao clima e contribuir para a implementação climática. Quando se trata de serviços de ASH, é frequente que o governo nacional mantenha a responsabilidade fiscal, pelo que a manutenção e outros progressos não podem ser efectuados ao nível local sem o envolvimento das partes interessadas nacionais. Por outro lado, o conhecimento e o progresso locais têm de contribuir para o planeamento nacional. A congregação de partes interessadas locais e nacionais será crucial para esforços de ASH resilientes ao clima.

As medidas de resiliência têm de ser holísticas, inovadoras, colaborativas e baseadas no pensamento sistémico. Uma abordagem mais sistémica não só atrai as partes interessadas do clima e dos recursos hídricos e as liga às questões de ASH, como também associa a necessidade de políticas adequadas para fazer cumprir a regulamentação.

WaterAid/Apag Annankra

Mary e Comfort buscam água no novo ponto de água da sua escola primária. As soluções locais de armazenamento de água para tempos de escassez podem ajudar a manter as raparigas na escola, em vez de passarem o dia a percorrer distâncias maiores para obter água. Gana. Dezembro de 2019.

As instituições não podem dar uma resposta eficaz a essas questões se tiverem as políticas apropriadas, mas carecerem da capacidade de as implementar.[19,20,21,22] É crucial envolver as comunidades e os grupos vulneráveis, como o das mulheres e raparigas, na identificação dos perigos climáticos, dos desafios de ASH e das soluções correspondentes. Reconhecendo a necessidade de conexão entre compartimentos, os parceiros do desenvolvimento de ASH, como a WaterAid, estão a avançar para abordagens sistémicas mais integradas no seu trabalho. Os serviços de ASH são mais eficazes na criação de resiliência quando se conectam e trabalham com outros sistemas ligados para reduzir vulnerabilidades e aumentar a capacidade de resposta. Esses sistemas de ASH integrados são a base de um progresso significativo no sentido da igualdade de género e da resiliência climática sustentável nas comunidades.

WaterAid/Joey Lawrence

A comunidade de Derekwa costumava buscar água de uma nascente local, mas as secas estavam a causar o seu esgotamento. Desde a instalação da nova bomba de água, a comunidade dispõe de água potável, mesmo em ocasiões de condições meteorológicas extremas. Tiru recebe dinheiro da comunidade para pagar qualquer trabalho de manutenção e lhe proporcionar rendimento. Derekwa, Etiópia. Fevereiro de 2020.

Lidar com os desequilíbrios de poder para obter soluções significativas

Para alcançar soluções significativas que satisfaçam necessidades diversas e interliguem abordagens fragmentadas à resiliência, é essencial lidar com os desequilíbrios de poder entre as partes interessadas.

Esses desequilíbrios de poder manifestam-se num leque de situações presentes no desenvolvimento de soluções e são diferentes em função do contexto. A inclusão de partes interessadas vulneráveis não lhes dá automaticamente a autoridade e o poder para fazer alterações. Em coligações multissectoriais, alguns actores poderão ser ignorados devido ao seu poder limitado no seio do grupo, por exemplo, por razões de género, etnia ou posição socioeconómica. Dois exemplos podem ser o de uma mulher sem instrução de uma comunidade local ou o de um utente de água que não seja rico. A identificação e a medição dos desequilíbrios são os primeiros passos para os solucionar de maneira eficaz. Há trabalho fundamental que tem de ser feito a fim de criar espaço para as partes interessadas vulneráveis partilharem as suas necessidades e percepções e agirem com base nessas percepções no sentido de gerar soluções de ASH inclusivas e resilientes. Esta secção descreve várias áreas nas quais os desequilíbrios de poder devem ser identificados, medidos e resolvidos.

Mosammat Sharifa lava o rosto e as mãos num poço municipal. Vozes como a dela têm de fazer parte da tomada de decisões para assegurar soluções resilientes ao clima que dêem resposta a desafios como os que ela enfrenta diariamente. Dhaka, Bangladesh. Março de 2021.

Memory Raffick mostra como as condições meteorológicas extremas afectaram as suas colheitas. Como os impactos climáticos afectam todos os usos da água, do cultivo e dos meios de subsistência às necessidades humanas básicas, são necessários processos gerais e inclusivos das partes interessadas para compreender todas as soluções potenciais e enfrentar os desequilíbrios de poder. Aldeia de Nansasala, Zomba, Malawi. Março de 2022.

As estruturas de governação fragmentadas e o poder económico de certas partes interessadas podem criar desequilíbrios de poder que limitam as soluções de resiliência climática relevantes. A realidade desarticulada dos diferentes ministérios que lidam com ASH, clima e recursos hídricos, juntamente com os diferentes poderes desses ministérios, pode prejudicar a capacidade do governo de avaliar plenamente todas as necessidades de água e de afectar recursos em conformidade. Em amplas discussões com partes interessadas sobre atribuições de água, por exemplo, as partes interessadas da água economicamente poderosas, como a agricultura, dominam a discussão com os governos e com outros. O resultado é a reduzida atenção prestada às necessidades fundamentais de água e saneamento nos hospitais, escolas e habitações, ainda que as partes interessadas dos sistemas de ASH estejam presentes, porque esses grupos não têm o mesmo poder económico. A experiência de risco climático do "Dia Zero" na Cidade do Cabo é um excelente exemplo de como interligar a dinâmica de poder e as tensões políticas que tiveram de ser negociadas para assegurar um acesso justo a sistemas de ASH durante um choque climático. Os desequilíbrios de poder acabaram por ser geridos de maneira a possibilitar que parte da água fosse reafectada da agricultura para ASH.[23] Este exemplo demonstra como é possível priorizar os sistemas de ASH quando os desequilíbrios de poder são geridos e as necessidades das partes interessadas são valorizadas. Se os desequilíbrios de poder não forem sanados, as pessoas sujeitas a marginalização (por exemplo, por razões de género) podem não conseguir fazer ouvir a sua voz e ver as suas necessidades atendidas.

Com frequência, existem desequilíbrios de poder no seio das estruturas procedimentais em torno das disposições de ASH; resolvê-los é crucial para o progresso. As partes interessadas vulneráveis podem ser excluídas da tomada de decisões com base em certos critérios (por exemplo, por terem de ser proprietários de terras) que podem não parecer inicialmente exclusivos com base no género.[16] Em muitas sociedades, é menos provável que as mulheres sejam proprietárias de imóveis ou tenham níveis superiores de escolaridade devido a normas sociais sobre educação e direito à propriedade, pelo que essas regras não são neutras em termos de género.[16] Ao envolver a participação e a representação locais na tomada de decisões e na gestão dos serviços de ASH, deve tomar-se muito cuidado para assegurar que os desequilíbrios de poder tradicionais não continuem por novos caminhos.[24] Além disso, devem ser considerados o tempo e os recursos das comunidades ao estabelecer compromissos e procedimentos.[25]

É vital aplicar parâmetros de medição adequados para determinar se os desequilíbrios de poder foram superados. Isso deve-se ao facto de os parâmetros de medição simples, como a contagem do número de mulheres envolvidas num projecto, não demonstrarem

se essas mulheres conseguiram ter uma participação tão significativa como as partes interessadas do sexo masculino. A simples presença de mulheres, sem lidar com os desequilíbrios de poder, não pode indicar um progresso real no sentido da inclusividade.[26] Embora existam desafios de género na intersecção entre mudanças climáticas e ASH, exemplos documentados dessa natureza em situações de ASH que não destacam os impactos climáticos dão uma ideia dos desequilíbrios de poder que têm de ser superados. No Malawi, foram criadas Associações de Utentes de Água (WUA, na sigla inglesa) para capacitar especificamente as mulheres na tomada de decisões; contudo, as mulheres eram menos propensas a saber que podiam participar nas WUA como membros activos.[16] Além disso, as mulheres eram geralmente contratadas apenas para atendimento em quiosques, reforçando os sistemas patriarcais.[16] Tais exemplos de desafios de género e ASH expressam desequilíbrios de poder estruturais baseados no género que também podem aplicar-se à área das mudanças climáticas e que realçam a necessidade de empoderar mais as mulheres para que se tornem líderes nas suas comunidades. Tal foi conseguido num projecto da WaterAid Bangladesh, no qual a gestão de uma nova unidade de tratamento de água por mulheres levou subsequentemente à criação de resiliência na comunidade e à mudança de opiniões sobre a liderança feminina.[27]

Em todas as entidades de tomada de decisões, dos órgãos locais aos internacionais, as mulheres estão sub-representadas nas plataformas de tomada de decisões sobre ASH e mudanças climáticas.[2,16] Por conseguinte, os esforços para erradicar os desequilíbrios de poder têm de funcionar de forma estratégica e eficaz com as instituições existentes. O processo tem de ser ponderado e deliberado no que toca ao envolvimento com grupos que sofrem ou correm o risco de marginalização, para assegurar o progresso em matéria de sistemas de ASH reactivos ao género e resilientes ao clima.

O projecto Golap Mohila Dal, no Bangladesh rural, é um óptimo exemplo de como a liderança feminina pode assegurar soluções resilientes ao clima nas comunidades rurais. Divisão de Khulna, Bangladesh. Março de 2021.

WaterAid/DRIK/Farzana Hossen

ABORDAGENS PARA APOIAR OPORTUNIDADES ESSENCIAIS

Cada uma das oportunidades destacadas acima pode ser apoiada com ferramentas práticas para ajudar a criar soluções específicas do contexto para políticas, patrocínio e concepção e implementação de programas. Esta secção do relatório articula quatro abordagens para auxiliar na obtenção de ASH sustentáveis e universais. Cada abordagem é valiosa e pode ter de ser aplicada em simultâneo ou considerada em conjunto desde o início ao trabalhar com vista a uma oportunidade.

1. **Análise multicontextual inicial**
2. **Parcerias inclusivas**
3. **Integração de experiências e conhecimentos diversos**
4. **Envolvimento multissectorial**

Dadas as complexidades envolvidas, não surpreende que cada oportunidade exija uma combinação de abordagens. O Quadro 1 faculta exemplos ilustrativos de como essas quatro abordagens se congregam para apoiar cada oportunidade. Em algumas situações, a Oportunidade 1 poderá precisar de envolvimento multissectorial, mas será sempre necessária uma análise multicontextual inicial. A Oportunidade 2, que requer que se vá muito além de um só sector ou mesmo de dois, necessita das quatro abordagens.

Quadro 1: Associação das oportunidades às abordagens

Oportunidades	Abordagens
Oportunidade 1: Compreender as diferentes necessidades e vulnerabilidades para chegar a todos	• Análise multicontextual inicial • Parcerias inclusivas • Integração de experiências e conhecimentos diversos
Oportunidade 2: Conectar compartimentos fragmentados para gerar verdadeira resiliência	• Análise multicontextual inicial • Parcerias inclusivas • Envolvimento multissectorial • Integração de experiências e conhecimentos diversos
Oportunidade 3: Corrigir os desequilíbrios de poder para obter soluções significativas	• Análise multicontextual inicial • Parcerias inclusivas • Integração de experiências e conhecimentos diversos

A Avaliação Participativa da Vulnerabilidade de ASH é uma técnica que a WaterAid aplica para que as comunidades locais conduzam uma análise multicontextual das vulnerabilidades climáticas que enfrentam como primeiro passo para identificar soluções. Bangladesh.

1. Análise multicontextual inicial

As avaliações e análises para concretizar o ODS 6 devem incluir percepções de uma variedade de contextos: uma análise político-económica (APE) que examine a dinâmica de poder, as instituições e a governação, bem como a igualdade e a inclusão. Juntamente com uma avaliação de risco climático dos perigos, vulnerabilidades e barreiras que abranja o género e a inclusão social. Tais avaliações devem ser efectuadas em conjunto para determinar compensações e benefícios conjuntos entre as diferentes componentes. A realização dessas avaliações deve seguir os Princípios da Adaptação Liderada Localmente no sentido de reconhecer o valor das partes interessadas locais, incluindo as mulheres e os jovens, na avaliação e na compreensão dos desafios e soluções para os impactos climáticos. Esta análise pode então identificar políticas e vias de implementação potenciais para alcançar reformas politicamente viáveis e o desenvolvimento adequado da concepção e da prestação de serviços de ASH.

Essa análise é o primeiro passo proposto na nossa Orientação do programa para sistemas de ASH resilientes ao clima. Desenvolvemos vários conjuntos de directrizes sobre como analisar os sistemas de ASH sob as ópticas do clima e do género para fundamentar decisões acerca do robustecimento dos sistemas pela aplicação de uma resolução colaborativa e incremental dos problemas. Os métodos de condução dessas avaliações incluem: levantamento de vulnerabilidades, inquéritos às famílias, *workshops* participativos e, claro, avaliações das necessidades de género.

2. Parcerias inclusivas

O progresso em relação ao ODS 6 exige parcerias inclusivas que sejam eficazes em qualquer dos três objectivos principais. As parcerias alinham estrategicamente esforços, recursos e conhecimento técnico para oferecer possibilidades realistas de resolução colaborativa e incremental de problemas políticos complexos. Esse alinhamento estratégico pode complementar esforços globais e evitar duplicações. Procurar parcerias inclusivas significa ir além dos parceiros tradicionais de ASH, seja entre as organizações de desenvolvimento ou no âmbito das administrações públicas nacionais ou locais. Para aqueles que trabalham no sector de ASH, tais parcerias podem implicar parceiros que trabalham com recursos hídricos e questões climáticas, bem como aqueles que trabalham com desafios sociais e da inclusão de género. Esses parceiros podem ser entidades internacionais ou de base, governo, sociedade civil ou sector privado, com cada um deles a proporcionar apoio e percepções únicos. Trabalhámos com a Aliança Pan-Africana de Justiça Climática (PACJA, na sigla inglesa) para defender a inclusão dos sistemas de ASH nas contribuições determinadas nacionalmente (CDN) de cinco países africanos. A WaterAid Etiópia colabora com parceiros como a União das Associações de Mulheres e Crianças da Etiópia (UEWCA, na sigla inglesa), um consórcio de organizações da sociedade civil (OSC) e organizações de base vocacionadas para os direitos das mulheres e as mudanças climáticas, defendendo que as mulheres melhorem a sua participação nas negociações climáticas com o governo nacional.

3. Integração de experiências e conhecimentos diversos

O conhecimento assume várias formas: dados científicos, conhecimento local e conhecimento tradicional, para citar algumas. Ao enfrentar complexidades como as interligações género-clima-ASH, é crucial recolher e incorporar todos os tipos de conhecimentos para uma compreensão holística do contexto e das melhores soluções. A variabilidade das normas de género e dos impactos das mudanças climáticas no seio das sociedades significa que as soluções e intervenções têm de ser adaptativas e específicas ao contexto, com um foco no conhecimento local. A participação significativa das pessoas em situação de marginalização e vulnerabilidade é crucial para incorporar essas percepções diversas e fazer face às desigualdades de poder. As intervenções devem ter como objectivo suplementar e complementar as práticas locais benéficas existentes. Visando incentivar a participação de grupos sub-representados importantes (aqueles que sofrem marginalização e aqueles que são vulneráveis), as intervenções direccionadas devem trabalhar no sentido de identificar criativamente mecanismos para diminuir a carga sobre esses grupos, ao mesmo tempo que registam as suas percepções críticas sobre a identificação de desafios e soluções. Os três estudos de casos destacados neste relatório unem um leque de conhecimentos e experiências, incluindo os das mulheres no âmbito da comunidade.

4. Envolvimento multissectorial

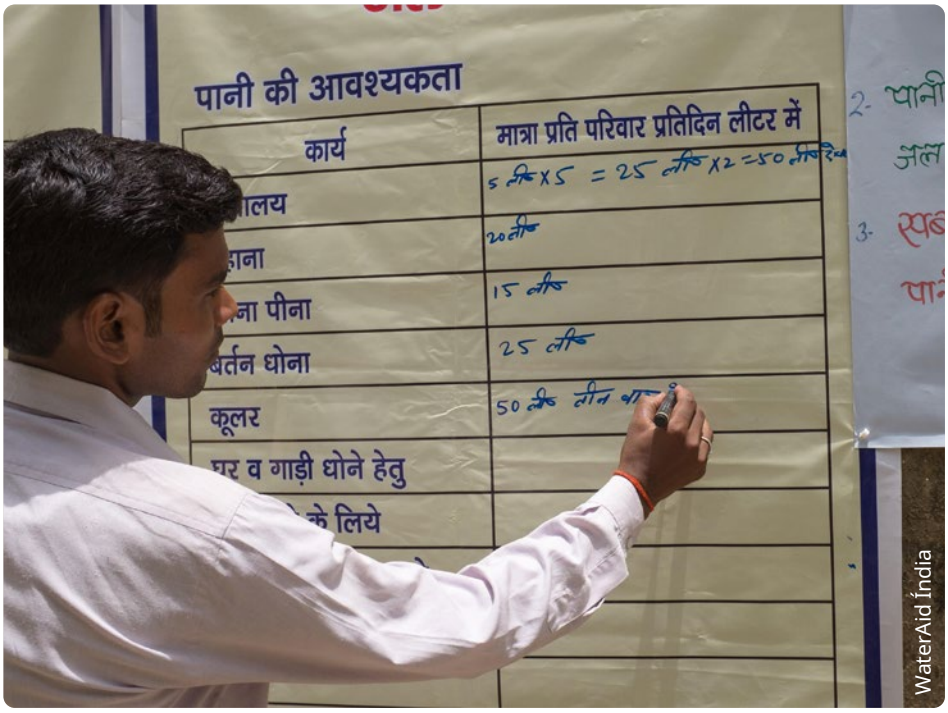
A natureza sistémica da resiliência climática e da sustentabilidade da água exige que as partes interessadas dos sistemas de ASH se envolvam com a dinâmica mais geral da segurança hídrica, o que significa envolver a indústria, a agricultura e outros utentes de água, bem como aqueles que trabalham com questões da natureza, do ambiente e do clima. O estudo de caso 2 oferece um exemplo do valor do envolvimento multissectorial na promoção da resiliência climática para todos os utentes de água. Congregar um leque vasto de partes interessadas também significa que a inclusão social e de género se mantém central nas avaliações e no envolvimento mais geral no seio de cada sector.

Justine regista a leitura mais recente do pluviómetro, uma forma de a sua comunidade ajudar a medir a precipitação, bem como a planear e responder melhor às variações no abastecimento de água devido às mudanças climáticas. As mulheres desempenham um papel fundamental no apoio à resiliência climática das comunidades em matéria de ASH. Região Centro-Norte, Burquina Faso, Julho de 2021.

WaterAid/Basile Ouedraogo

Os três estudos de casos seguintes ilustram o modo como as abordagens funcionam para cada uma das oportunidades.

Estudo de caso sobre a Oportunidade 1



WaterAid Índia

1

Compreender as diferentes necessidades e vulnerabilidades para chegar a todos na Índia

Na Índia, Jal Chaupel cria segurança hídrica e resiliência climática à escala local ao compreender as diferentes necessidades e vulnerabilidades para chegar a todos. Este trabalho aplica as três abordagens mencionadas: análise multicontextual inicial, parcerias inclusivas e integração de experiências e conhecimentos diversos. Envolve uma avaliação participativa das ameaças/vulnerabilidades da água e do clima, com um foco particular nas desigualdades de género. Além de uma avaliação das necessidades baseada no género, o processo considera o modo de aumentar a participação das mulheres na tomada de decisões relacionadas com recursos hídricos. As ameaças e vulnerabilidades são monitorizadas ao longo do tempo a fim de determinar o melhor curso de acção para lidar com as mesmas. Com um vasto leque de indivíduos, cidadãos, peritos, profissionais e académicos a trabalharem em questões hídricas ou com interesse nas mesmas, é assegurada a aplicação de experiências e conhecimentos diversos à análise e ao trabalho resultante. As parcerias inclusivas asseguraram que o trabalho inicial na Índia envolvesse 35.000 cidadãos, profissionais, académicos e peritos a trabalhar em questões hídricas. As parcerias inclusivas asseguram que o foco seja mais abrangente do que apenas sobre ASH: são analisados todos os principais usos da água em sectores como a agricultura, os meios de subsistência e as necessidades domésticas. Conseguem gerar informações que podem ser partilhadas às escalas regional e nacional a fim de entender melhor os impactos climáticos mais gerais e as possíveis soluções para o planeamento climático nacional.

Parte da análise multicontextual consiste em entender como está a ser usada a água. Aqui, para o trabalho de Jal Chaupel, são registadas as diferentes formas de uso da água.

Estudo de caso sobre a Oportunidade 2

WaterAid/Vlad Sokhin

Conectar compartimentos fragmentados para gerar resiliência verdadeira em Timor-Leste

Instalação de sensores, produzidos pela Similie, no reservatório de água em Lautekas, aldeia de Guguleur, subdistrito de Maubara. Os sensores são uma maneira de as comunidades poderem monitorizar melhor os níveis de água. Novembro de 2019

Com a ajuda de verbas da Who Gives a Crap, a WaterAid Austrália tem estado a trabalhar em Timor-Leste para criar sistemas de ASH resilientes ao clima, através do planeamento comunitário para adaptação conduzida localmente. Para conectar compartimentos fragmentados e gerar resiliência verdadeira, este trabalho abrange as quatro abordagens do Quadro 1.

O primeiro passo consiste em avaliar o risco da comunidade face às mudanças climáticas por meio da ampla participação das partes interessadas. Este passo define de maneira crucial que partes da comunidade enfrentarão diferentes riscos das mudanças climáticas com base na sua situação. Subsequentemente, a comunidade cria soluções de adaptação às mudanças climáticas que examinam todo o sistema, não apenas as infra-estruturas. Isso integra experiências e conhecimentos diversos numa análise multicontextual para planeamento e implementação que podem levar a parcerias inclusivas. Como parte do planeamento para a escassez de água, por exemplo, as comunidades podem acompanhar digitalmente os níveis de abastecimento de água, com planos para robustecer a capacidade dos gestores locais de alertar os membros da comunidade em momentos de necessidade, como quando o abastecimento desce abaixo de um dado nível devido à seca, ao uso excessivo na comunidade ou a danos nas infra-estruturas causados pelos choques climáticos. Assim, as comunidades podem trabalhar com as autoridades locais para desenvolver conjuntamente planos de resiliência aos impactos do clima nos recursos hídricos e assegurar que as pessoas mais vulneráveis a esses impactos se tornem resilientes.

As parcerias inclusivas e o envolvimento multissectorial são componentes cruciais deste programa. Com o apoio da Australian Water Partnership, a WaterAid Austrália está a congregar as principais partes interessadas do sector de ASH e gestão integrada dos recursos hídricos para criar um plano conjunto de gestão da água que se adaptará às mudanças climáticas e criará resiliência comunitária para todos os utentes de água. O planeamento climático localizado necessita de informações sobre os comportamentos comunitários de uso da água e dados de monitorização relacionados com as variações sazonais e anuais da disponibilidade de água. Este programa consegue transmitir esses dados sobre o uso da água e os impactos do clima na disponibilidade de água a um vasto leque de partes interessadas. Este passo final de ramificação e garantia do envolvimento multissectorial, bem como de contributo dos dados de ASH para o planeamento climático, constitui o modo como os compartimentos fragmentados podem gerar resiliência verdadeira.

Estudo de caso plurinacional sobre a Oportunidade 3

Corrigir os desequilíbrios de poder para obter soluções significativas

Participantes de um *workshop* avaliam a robustez do sistema de ASH sob uma perspectiva de género na província de Kampong Chhnang, Camboja.

O programa SusWASH (2017-2022), financiado pela H&M Foundation e implementado pela WaterAid na Etiópia, no Camboja, no Uganda e no Paquistão, constitui um bom exemplo de robustecimento de sistemas de ASH resilientes ao clima e reactivos ao género em que são enfrentados os desequilíbrios de poder. Este programa envolveu um amplo consórcio de especialistas por meio de parceiros, como a WaterAid, com vista a formar parcerias inclusivas.

O programa centrou-se na nossa abordagem de reforço dos sistemas, com um sólido foco no envolvimento das comunidades para diversidade de conhecimento e análise multicontextual. O trabalho começou com a identificação participativa de barreiras sistémicas a sistemas de ASH inclusivos e sustentáveis à escala, o que incluiu as normas socioculturais e de género e identificou os procedimentos colectivos necessários para as combater. Essas barreiras existiam em vários níveis; as barreiras que impedem o progresso local têm, muitas vezes, origem no nível provincial ou nacional. O combate a essas barreiras exigiu parcerias inclusivas de esforços coordenados e complementares em todos os níveis administrativos. As intervenções resultantes foram soluções significativas que lidaram com as normas socioculturais nocivas e os desequilíbrios de poder, além de robustecerem o planeamento, a orçamentação e a monitorização dos serviços de ASH pelos governos e prestadores de serviços. No Uganda, os esforços incluíram o aumento da participação das mulheres na tomada de decisões.

À semelhança da investigação contida neste relatório, o SusWASH concluiu que as normas e barreiras socioculturais tornavam difícil assegurar a inclusão das mulheres na tomada de decisões no Camboja, na Etiópia e no Paquistão. Apesar desse desafio, os resultados do programa beneficiaram as mulheres nesses contextos. Na Etiópia, por exemplo, as mulheres e raparigas incluídas no projecto relataram gastar menos tempo para buscar água depois de melhorias nos sistemas de ASH. Como tal, conseguiam usar esse tempo para outros fins e poupavam ao seu corpo o esforço físico de aguentar cargas pesadas em distâncias longas. O trabalho futuro examinará outras maneiras de aumentar a participação das mulheres na tomada de decisões nessas situações e, assim, corrigir ainda melhor os desequilíbrios de poder. O trabalho continua.

CONCLUSÃO

As realidades complexas das interligações entre igualdade de género, mudanças climáticas e ASH significam que o ODS 6 não pode ser alcançado sem assegurar que os sistemas de ASH sejam reactivos ao género e resilientes ao clima. As partes interessadas da área de ASH, dos governos aos parceiros do desenvolvimento, podem aplicar as quatro abordagens descritas (análise multissectorial, parcerias inclusivas, envolvimento multissectorial e integração de experiências e conhecimentos diversos) para gerar um progresso melhor no sentido de obter ASH para todos. A aplicação dessas abordagens às oportunidades identificadas (compreender as diferentes necessidades e vulnerabilidades para chegar a todos, conectar compartimentos fragmentados para gerar resiliência verdadeira e lidar com os desequilíbrios de poder para obter soluções significativas) assegurará o progresso do ODS 6, aproximando-nos do nosso objectivo de uma vez por todas.

WaterAid/Chris Renton

As Heroínas da Água, na Cimeira da Água e do Clima da WaterAid em 2020, lembram-nos a todos o papel crucial que a liderança das mulheres pode desempenhar no robustecimento da resiliência climática para as comunidades e não só. Março de 2020.

RECURSOS ADICIONAIS DA WATERAID

Eis alguns dos nossos recursos sobre género, clima e ASH.

Cissy é uma representante das mulheres no Comité de Gestão da Sub-Bacia do Alto Mpologoma. As mulheres em cargos de tomada de decisões que podem ter impacto na forma como os recursos são afectos à resposta às mudanças climáticas são essenciais para soluções inclusivas. Distrito de Namutumba, Uganda. Abril de 2022.

WaterAid/James Kiyimba

Recursos globais/gerais

Orientação do programa para sistemas de ASH resilientes ao clima

Esta orientação explica como incorporar a resiliência climática nos programas de ASH com base nas nossas experiências práticas de implementação de sistemas de ASH resilientes ao clima.

Ver recurso

Reforço dos sistemas para serviços de ASH inclusivos e duradouros que transformem a vida das pessoas: experiências práticas do programa SusWASH

Este relatório de aprendizagem partilha as nossas experiências e os ensinamentos obtidos ao longo de 5 anos de implementação de um programa de reforço de sistemas para serviços de ASH mais inclusivos e sustentáveis no Camboja, na Etiópia, no Paquistão e no Uganda.

Ver recurso

Quadro de segurança hídrica (em inglês)

Este quadro para a segurança hídrica nas comunidades faculta um conjunto genérico de conceitos, abordagens e compromissos que os nossos programas nacionais podem modificar para se adequarem aos respectivos contextos nacionais. Também se destina a informar os apoiantes e doadores acerca dos nossos esforços para proteger o abastecimento de água em comunidades que enfrentam a marginalização e vivem na pobreza.

Ver recurso

Integração da resiliência climática com o reforço do sistema de ASH

Este documento centra-se numa abordagem de análise do sistema de ASH a partir de uma óptica climática como ponto de entrada para orientar a programação e a tomada de decisões políticas. Ajuda a integrar os recursos de ASH resilientes ao clima nas formas de trabalho de reforço do sistema estabelecido e pode complementar outras análises contextuais, incluindo análises de economias políticas, partes interessadas e igualdade de género.

Ver recurso

Orientação prática para lidar com a igualdade de género ao robustecer os sistemas de água, saneamento e higiene (em inglês)

Esta orientação prática expressa a forma de utilizar as ferramentas de robustecimento dos sistemas para empoderar as mulheres e mudar as normas de género nocivas, alcançando em simultâneo serviços de ASH mais sustentáveis. Esta orientação foi concebida para ser utilizada juntamente com a nossa orientação completa sobre igualdade de género e o quadro de equidade, inclusão e direitos.

Ver recurso

Igualdade, inclusão e direitos: enquadramento

Este quadro define a posição, a abordagem e os padrões programáticos para o nosso trabalho sobre igualdade, inclusão e direitos humanos enquanto combatemos as desigualdades no acesso, na distribuição de recursos e na tomada de decisões em matéria de ASH. Complementado pelas directrizes de terminologia de 2022 para apoiar o quadro de igualdade, inclusão e direitos da WaterAid.

Ver recurso

Integrar a igualdade de género em projectos comunitários de água, saneamento e higiene – nota de orientação (em inglês)

Um conjunto de notas de orientação de empresas e parceiros de implementação acerca de como e porquê transformar compromissos estratégicos sobre género e ASH em projectos integrados.

Ver recurso

Água, saneamento e higiene: a base para criar resiliência nas comunidades vulneráveis ao clima

Este relatório inclui estudos de casos de vários países que demonstram o que tem de ser feito agora para melhorar os serviços de ASH e enfrentar os desafios actuais, a fim de aumentar a resiliência das comunidades às mudanças climáticas.

Ver recurso

Recursos regionais/nacionais

O Nexo entre Género, ASH e Mudanças Climáticas: Resumo de documentos de políticas

Este resumo de políticas da WaterAid Etiópia destaca a situação do governo etíope no que respeita a congregar género, clima e ASH.

Ver recurso

Resposta às Mudanças Climáticas para sistemas de ASH Inclusivos: Uma nota de orientação para a WaterAid Timor-Leste (em inglês)

Adaptada ao programa da WaterAid em Timor-Leste, esta nota de orientação demonstra a relevância do género e da inclusão social na resposta aos impactos das alterações climáticas nos sistemas de ASH e é particularmente importante para a programação de serviços de água rural.

Ver recurso

Implementar sistemas de ASH inclusivos para o povo de Wewak, Papua-Nova Guiné (em inglês)

Ao colaborar com o Water for Women Fund, trabalhámos num projecto denominado "ASH inclusivos para Wewak" com vista a apoiar melhorias na prestação de serviços de ASH pelo governo por meio de uma abordagem de planeamento adaptável.

Ver recurso

O impacto das mudanças climáticas no saneamento em Moçambique

Este relatório examina os impactos do clima no saneamento em Moçambique, centrando-se especificamente nos seguintes aspectos: contextos rural e urbano; impactos no saneamento e na cadeia de serviços de saneamento; quadro de políticas relacionadas com o saneamento ou as mudanças climáticas; e medidas de adaptação para saneamento resiliente ao clima.

Ver recurso

Mudanças climáticas e sistemas de ASH resilientes no Sul da Ásia (em inglês)

Este documento de políticas analisa quatro países do Sul da Ásia (Bangladesh, Índia, Nepal e Paquistão) e oferece recomendações sobre como criar serviços de ASH resilientes ao clima.

Ver recurso

Mudanças climáticas e segurança hídrica na África Ocidental – Níger e Burquina Faso (em inglês e francês)

Este trabalho da WaterAid África Ocidental inclui um resumo de patrocínio e um resumo completo sobre os desafios das mudanças climáticas e da segurança hídrica no Burquina Faso e no Níger. O documento expressa os principais desafios de ASH e mudanças climáticas nesses países.

Ver recurso

Não há resiliência climática sem ASH: um apelo à acção (em inglês e francês)

Esta nota informativa faz recomendações aos responsáveis políticos e peritos sobre como centrar atenções nos sistemas de ASH resilientes ao clima na África Ocidental, especificamente no Burquina Faso, no Gana e no Níger.

Ver recurso

A unidade de água potável do Moricchap do Golap Mohila Dal (em inglês)

Este capítulo de um livro sobre adaptação conduzida localmente descreve um projecto da WaterAid Bangladesh que empoderou as mulheres por meio de uma nova unidade de tratamento de água potável para combater os desafios da segurança hídrica e dos sistemas de ASH devido às mudanças climáticas.

Ver recurso

REFERÊNCIAS

[1] WaterAid (2021). *Integração da resiliência climática com o reforço do sistema WASH*. Disponível em washmatters.wateraid.org/publications/integrating-climate-resilience-with-wash-system-strengthening (consultado em 14 de Fevereiro de 2023).

[2] UNECA (2020). *Gender Equality in Climate Change: Analysis report on Gender in Climate Change Polices, Programs, and NDC Processes*. (Second Draft). Disponível em uneca.org/sites/default/files/ACPC/Gender-Climate-Change/gender_analysis_of_climate_change_in_africa.pdf (consultado em 14 de Fevereiro de 2023).

[3] Megaw, T., Kohlitz, J., Gero, A., Chong, J. (2020). *Understanding and responding to climate change impacts in inclusive WASH programs–a conceptual framework–Learning Paper. Institute for Sustainable Futures, University of Technology Sydney*. Disponível em alnap.org/system/files/content/resource/files/main/CCRIW-Conceptual-framework.pdf (consultado em 14 de Fevereiro de 2023).

[4] Abrams, A.L., Carden, K., Teta, C., Wågsæther, K. (2021). *Water, Sanitation, and Hygiene Vulnerability among Rural Areas and Small Towns in South Africa: Exploring the Role of Climate Change, Marginalization, and Inequality. Water 13, n.º 20: 2810*. Disponível em doi.org/10.3390/w13202810 (consultado em 14 de Fevereiro de 2023).

[5] IPCC (2022). *Climate Change 2022: Impacts, Adaptation, and Vulnerability. Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change* [H.-O. Pörtner, D.C. Roberts, M. Tignor, E.S. Poloczanska, K. Mintenbeck, A. Alegría, M. Craig, S. Langsdorf, S. Löschke, V. Möller, A. Okem, B. Rama (eds.)]. Cambridge University Press.

[6] WaterAid (2021). *Orientação do programa para o WASH resiliente ao clima*. Disponível em washmatters.wateraid.org/publications/programme-guidance-for-climate-resilient-water-sanitation-and-hygiene (consultado em 14 de Fevereiro de 2023).

[7] UNICEF/Global Water Partnership (2022). *Strategic Framework for WASH Climate Resilient Development*. Disponível em gwp.org/globalassets/global/about-gwp/publications/unicef-gwp/gwp_unicef_strategic_framework-2022-edition.pdf (consultado em 14 de Fevereiro de 2023).

[8] Foran, T. (2015). Node and Regime: Interdisciplinary Analysis of Water-Energy-Food Nexus in the Mekong Region. *Water Alternatives*. vol. 8, n.º 1, pp. 655-674.

[9] De Grenade, R., *et al* (2016). The nexus: reconsidering environmental security and adaptive capacity. *Current Opinion in Environmental Sustainability*. vol. 21, pp. 15-21.

[10] Howard, G., *et al* (2021). The how tough is WASH framework for assessing the climate resilience of water and sanitation. *npj Clean Water*. vol. 4, n.º 39 1-10. Disponível em nature.com/articles/s41545-021-00130-5 (consultado em 14 de Fevereiro de 2023).

[11] Boniol, M., *et al* (2019). *Gender equity in the health workforce: analysis of 104 countries (Health Workforce Working Paper; 1)*. Organização Mundial de Saúde. Disponível em apps.who.int/iris/handle/10665/311314 (consultado em 14 de Fevereiro de 2023).

[12] WaterAid (2021). *Igualdade, inclusão e direitos: enquadramento*. Disponível em: washmatters.wateraid.org/publications/equalityinclusion-and-rights-framework (consultado em 15 de Fevereiro de 2023).

[13] Sultana, F. (2020). Embodied Intersectionalities of Urban Citizenship: Water, Infrastructure, and Gender in the Global South. *Annals of the American Association of Geographer*. vol. 110, n.º 5, pp. 1407-1424, DOI: 10.1080/24694452.2020.1715193.

[14] Bhakta, A., *et al* (2021). The hidden WASH needs of perimenopausal women. *Journal of Water, Sanitation and Hygiene for Development*. vol. 11, n.º 6, pp. 1016-1025.

[15] Mehta, L. (2014). Water and human development. *World Development*. vol. 59, pp. 59-69. Disponível em doi.org/10.1016/j.worlddev.2013.12.018 (consultado em 16 de Fevereiro de 2023).

[16] Adams, E.A., Juran, L., Ajibade, I. (2018). "Spaces of Exclusion" in community water governance: A Feminist Political Ecology of gender and participation in Malawi's Urban Water User Associations. *Geoforum*. vol. 95, pp. 133-142.

[17] Global Centre for Adaptation (2021). *Principles for Locally Led Adaptation Action*. Disponível em gca.org/reports/principles-for-locally-led-adaptation-action/ (consultado em 28 de Julho de 2022).

[18] Hebart-Coleman, D. (2021). *Analysis of NDC Enhancement: Increased role for water and water-related activities*. SIWI. Disponível em siwi.org/latest/analysis-of-ndc-enhancement-increased-role-for-water-and-water-related-activities/ (consultado em 16 de Fevereiro de 2023).

[19] Andrews, M., Woolcock, M., Pritchett, L. (2017). *Building state capability: Evidence, analysis, action*. Oxford: Oxford University Press.

[20] DiMaggio, P., Powell, W.W. (1983). The iron cage revisited: Collective rationality and institutional isomorphism in organizational fields. *American Sociological Review*. vol. 48, 2, pp. 147-160.

[21] Garthwaite, W., Hamley, G., Thapa, S. (2017). Water law's untapped potential for supporting water security in developing countries. 23rd International Congress on Irrigation and Drainage. 8-14 de Outubro de 2017, Cidade do México, México.

[22] Swidler, A., Watkins, S.C. (2017). *A Fraught Embrace: The Romance and Reality of AIDS Altruism in Africa* (Vol. 77). Princeton University Press.

[23] Robins, S. (2019). "Day Zero", hydraulic citizenship and the defence of the commons in Cape Town: a case study of the politics of water and its infrastructures (2017-2018). *Journal of Southern African Studies*. vol. 45, n.º 1, pp. 5-29.

[24] Cleaver, F., Toner, A. (2006). The evolution of community water governance in Uchira, Tanzania: The implications for equality of access, sustainability and effectiveness. *Natural resources forum*. vol. 30, n.º 3, pp. 207-218. Oxford, Reino Unido: Blackwell Publishing Ltd.

[25] Lyon, S., Mutersbaugh, T., Worthen, H. (2017). The triple burden: the impact of time poverty on women's participation in coffee producer organizational governance in Mexico. *Agric Hum Values*. vol. 34, pp. 317-331. Disponível em doi.org/10.1007/s10460-016-9716-1 (consultado em 16 de Fevereiro de 2023).

[26] Osborne, N. (2015). Intersectionality and kyriarchy: A framework for approaching power and social justice in planning and climate change adaptation. *Planning Theory*. vol. 14, n.º 2, pp. 130-151. Disponível em doi.org/10.1177/1473095213516443 (consultado em 16 de Fevereiro de 2023).

[27] Qader, A.I.A., *et al* (2022). *Chapter 1: The Golap Mohila Dal's Moricchap Drinking Water Plant. Global Center on Adaptation. Stories of Resilience: Lessons from Local Adaptation Practice*. Roterdão. Disponível em gca.org/reports/stories-of-resilience-lessons-from-local-adaptation-practice/ (consultado em 16 de Fevereiro de 2023).

**Citação sugerida: WaterAid (2023).
Igualdade de género e resiliência climática: Bases da água, do saneamento e da higiene para todos. WaterAid: Londres, Reino Unido.**

Agradecimentos

Agradecemos a Kathryn Pharr, Sue Cavill, Chelsea Huggett e Tara Bartnik pelos seus contributos. Bem como aos revisores deste documento: Tseguereda Abraham, Hannah Crichton-Smith, Andrés Hueso González, Lucy Graham, Hasin Jahan, Dedo Mate Kodjo, Hannah Mitry, Tanvi Oza, Adnan Qader, Thérèse Rudebeck, Julie Truelove e Ella Lines. A investigação para este documento foi realizada por Dorice Agol, Anna Mdee e Alesia Ofori.

A WaterAid é uma organização internacional sem fins lucrativos determinada a fazer da água limpa, das casas de banho adequadas e da boa higiene algo de normal para todos, em toda a parte, no prazo de uma geração.

Números de registo de instituição de beneficência: Inglaterra e País de Gales – 288701, Escócia – SC039479.

WaterAid